

Mestrinho arranca para 3º mandato

Líder isolado nas pesquisas, ex-governador aposta no antigo estilo populista para vencer

MOURA REIS

MANAUS — **ELEIÇÕES**
Na onda de retornos ao poder de lideranças tradicionais, que a ameaça se transformar



na mais forte característica das eleições estaduais deste ano, o Amazonas pode entrar na história da República como o primeiro Estado a colocar três vezes, montado em votos diretos, o mesmo personagem na cadeira de governador. Como Leonel Brizola no Rio de Janeiro, Paulo Maluf em São Paulo, Hélio Garcia em Minas Gerais, José Richa no Paraná, Antônio Carlos Magalhães na Bahia, João Castelo no Maranhão e Íris Resende em Goiás, o ex-governador Gilberto Mestrinho, apelidado de **O Boto**, mais uma vez, pretendente pelo PMDB a quatro anos de residência fixa no imponente Palácio Rio Negro, sede do governo estadual, acena comodamente do alto da escada das pesquisas de intenções de voto. No último levantamento do Ibope, Mestrinho corre solitário na ponta da fila com 60% da preferência do eleitorado. Seu mais próximo adversário, o vereador Mário Frota, arqueja bem atrás com minguaos 13%.

Além da vantagem que lhe asseguraria a vitória no primeiro turno, Gilberto Mestrinho está trazendo de volta à política do Amazonas o velho estilo populista que o transformou numa espécie de imperador da floresta e demonstrando excepcional capacidade de recuperação. Eleito governador pela primeira vez em 1958, quando tinha 30 anos de idade, foi cassado em 1964 e purgou 15 anos de ausência do Estado. Anistiado em 1979, foi recebido de volta com uma das maiores festas da história de Manaus, pavimento inicial da estrada que o reconduziu ao governo, com a estatura de uma espécie de lenda, em 1982. Adorado quase à idolatria principalmente nas cidades pobres do interior do Estado e na periferia de Manaus, elegeu seu sucessor Amazonino Mendes em 1986 e se candidatou à prefeitura da capital dois anos depois. Para surpresa da maioria, porém, foi derrotado por Arthur Virgílio Neto, então no PSB e hoje no PSDB. "A lenda acabou", "o mito morreu", "o Boto se afoçou" — brindaram os adversários vitoriosos.

O panorama visto hoje do Amazonas, porém, indica que eles muito provavelmente erraram. O Boto está ressuscitando.

GRITOS E PULOS

Sem ser um orador brilhante, com um sorriso permanente nos lábios e bigodes e cabelos tingidos fio a fio, Mestrinho, 62 anos, é recebido com gritos e pulos, sobretudo pelas mulheres, quando desembarca de sua sofisticada caminhonete Chrevrolet importada dos Estados Unidos — o interior do carro, pela presença de poltronas no lugar dos bancos e um moderno painel eletrônico, lembra um jato executivo — para fazer comícios na periferia de Ma-

naus. Em sua luxuosa casa do bairro da Ponta Negra, ele chega a receber 200 pessoas por dia, entre as quais, pelo menos duas vezes por semana, um bem-comportado governador Vivaldo Frota, que assumiu com a renúncia de Amazonino para concorrer ao Senado.

Acomodado numa complicada coligação de sete partidos — PMDB, PFL, PDC, PL, PSD, PCN e PTR — chamada de Aliança Democrática, costurada com a discreta ajuda do presidente Fernando Collor e a efetiva participação de Egberto Batista, secretário de Desenvolvimento Regional do governo federal, Gilberto Mestrinho está empreendendo um grande esforço para se eleger no primeiro turno. Faz campanha, normalmente, de 12 a 14 horas por dia, nos sete dias da semana.

Conta a seu favor com o maior tempo na propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão — 70 minutos diários. Para a produção do programa, ele fez viver de São Paulo uma poderosa equipe de 40 pessoas e os mais modernos equipamentos, alguns adquiridos em Miami, nos EUA. Concentrado no programa o candidato decidiu diminuir a frequência das lentas viagens de barco ao interior do Estado e aumentou o corpo-a-corpo em Manaus, onde seu favoritismo é menor. Mas em comícios nos bairros pobres em que é recebido com gritos, ele colhe alguns resultados do estilo de política implantado na primeira gestão, em 1958. Muita gente o aplaude e reafirma a disposição de brindar-lhe com o voto em outubro, em retribuição a favores recebidos no passado.

PRESENTE INESQUECÍVEL

Maria José da Silva, faxineira de uma escola no bairro de São Judas, não esconde a emoção em retirar, cuidadosamente, de um saco de papel uma boneca de plástico barato; presente recebido do governador na antevéspera do natal de 1959. Naquele ano, seu primeiro no poder, Mestrinho instituiu o "natal das crianças", distribuição de presentes no Palácio do Rio Negro. Naquele dia, ao acenar para as centenas de crianças que disputavam bolas e bonecas, Mestrinho notou uma menina chorando. Desceu e foi informado por ela que havia perdido a senha que lhe dava direito a um presente. O governador levou a menina para dentro do palácio e a fez escolher um presente. A boneca escolhida está guardada agora como um pequeno tesouro pela ainda emocionada Maria José, para quem Mestrinho "é um homem muito bom", embora ela continue obrigada a complementar o magro salário de Cr\$ 5.300 da Secretaria de Educação com a venda de pipocas nos fins de semana.

Certo de que a gratidão de Maria José está multiplicada por milhares de pessoas em todo o Estado — a quem distribuiu, além de presentes, cadernos escolares, material de construção, transporte de graça em ônibus —, Mestrinho afirma com muita convicção que voltará "ao trabalho como governador" e terá quatro anos tranquilos de governo, pela presença de 20 partidários nas 24 cadeiras da Assembleia Legislativa e "pelo menos seis" dos oito integrantes da bancada federal.